



Acta Scientiarum. Language and Culture
ISSN: 1983-4675
eduem@uem.br
Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Corrêa Silva, Marisa
Literatura e cultura: interfaces críticas
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 33, núm. 1, 2011, pp. 147-148
Universidade Estadual de Maringá
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426647017>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

Literatura e cultura: interfaces críticas

RAVETTI, Graciela; FANTINI, Marli. **Olhares críticos: estudos de literatura e cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 2009. 452 p. ISBN: 978-85-7041-721-3.

Marisa Corrêa Silva

Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: mcsilva5@uem.br

A proposta do livro é ser “uma generosa porta de entrada no espaço literário da modernidade”, voltado para os docentes, estudantes de graduação e de pós-graduação em Letras, bem como de História, Antropologia, Educação e outras áreas afins.

Certamente o volume cumpre a promessa de cobrir um leque temático bastante amplo e relevante: da expressão em língua portuguesa à francófona e alemã, passando por África, América Latina etc.; do teatro moderno à permanência dos elementos épicos; da poesia à prosa e à leitura, bem como diálogos intertextuais e inter-gêneros, os textos apresentados vão pontuando referências que giram sobre o grande eixo do livro, criando um resultado que pode ser proveitosamente comparado a uma nuvem de mariposas em torno de uma lâmpada potente.

Para desenvolver essa analogia, é preciso pensar nas enormes dificuldades inerentes à organização de um livro com trinta e dois capítulos, cada um de um autor diferente, estruturado sobre uma proposta ampla. Além das questões editoriais e burocráticas, é preciso que os textos não tenham abismos teóricos, qualitativos e estilísticos entre si, a fim de construírem uma unidade. E, sendo o objeto de estudo algo fluido, inesgotável e polêmico como a literatura e suas questões afins, sempre haverá ausências no livro. Ausências que serão sentidas inevitavelmente: os “pontos em branco” da nuvem.

A “nuvem da mariposas” atesta, portanto, em primeiro lugar, o sucesso em apresentar ao seu leitor uma massa de contornos fluidos, mas apreensíveis: uma visão acadêmica, com seus contributos e possíveis limitações, cujas referências constantes são Benjamin, Cândido, Foucault, Bosi, Paz, Adorno, Bhabha, Piglia, Santiago, Sousa Santos, Barthes, Deleuze, Ricoeur, Said e Agamben. Da influência inegável da Escola de Frankfurt no pensamento brasileiro (nenhum filósofo desse grupo surge no artigo sobre a literatura alemã dos anos 90), pode-se traçar o percurso, que vai da gradual desarticulação dos blocos sólidos de saber para a afirmação das alteridades; do papel do Outro (desde o ex-colono

até o leitor) na construção dos significados; da problematização do cânone e da poderosa e complexa dialética entre texto e vida social, com seus entrelugares, suas periferias e semiperiferias, suas aporias.

Em segundo lugar, embora os textos gravitem em trajetórias distintas com relação ao objeto central, quando tomados em conjunto, não parecem dispares, como se na mesma nuvem houvesse insetos de tamanhos e de asas muito distintos. Em seu movimento individual, cada um dos textos se aproxima de um certo padrão (de tamanho, de estilo, de didatismo) que garante a coesão do todo, sem que esse fique imobilizado. A leitura dos capítulos é fácil e agradável, considerando-se que a linguagem acadêmica sempre implica num certo engessamento do estilo, a bem do rigor conceitual. Nada que um acadêmico de graduação não consiga superar com certo empenho, e que os pós-graduandos não terão a menor dificuldade em apreender.

Em terceiro e último lugar, a metáfora da nuvem de insetos é imagem fidedigna da fascinação dos autores pelo objeto de seus estudos. Os trinta e dois capítulos, em suas diferenças, convergem para um olhar apaixonado, cujo compromisso intelectual não fica nem um pouco prejudicado por isso.

Alguns capítulos representam contributos altamente eruditos para campos que mereceriam uma massa crítica mais alentada na academia brasileira, como “Muhuraida: releitura do cânone épico brasileiro”, de Yurgel Pantoja Caldas, ou “A Revue de L’Amérique Latine: preparação do romance dos anos trinta”, de Dilma Castelo Branco Diniz. Outros são visões intertextuais instigantes, como “No fluxo das águas: jangadas, margens e travessias”, de Benjamin Abdala Junior, que entrela letra de música, cinema e literatura; “Os mitos guaranis sobre canibalismo e sua relação com *El entenado* de Juan José Saer”, de Graciela Ravetti, harmonizando antropologia e literatura; ou “Autobiografia como tauromaquia em Michel Leiris”, de Sabrina Sedlmayer, que menciona explicitamente a derrocada do sujeito cartesiano.

Alguns abordam o entrelugar na internalidade da produção textual, como “O travestismo da História em Juan Carlos Onetti”, de Pablo Rocca, no qual o afiado *close reading* faz par com a fortuna crítica e com a conclusão apontando para elementos universais na obra de Onetti; outros enfocam o entrelugar já na própria condição de produção textual, como “Outra voz: narrativas, realtos, testemunhos em literaturas ibero-afro-americanas”, de Marli Fantini; ou ainda o entrelugar surgindo de uma obra “descentralizadora” e desabrochando nas influências do autor estudado, como “Uma longa influência: Haroldo de Campos, a tradição de vanguarda brasileira e a literatura hispano-americana”, de Horácio Costa.

Se cabe algum reparo à organização, talvez seja o de que uma proposta tão ampla certamente implicará num volume grande (e sempre insuficiente) de texto, tornando a ordenação dos capítulos

particularmente espinhosa. Entre prosa e poesia, teatro e encenação, literaturas de língua portuguesa, espanhola e outras, é possível perder o fio da meada, fazendo com que a leitura se torne fragmentada e ocasional.

Ainda assim, é um livro que merece ser louvado, pelo bom sucesso a que conduz uma proposta necessariamente fadada à incompletude; pela qualidade dos capítulos; e pela relação – como não utilizar essa palavra? – amorosa com o seu amplo e sedutor objeto de estudo.

Received on May 19, 2010.

Accepted on June 20, 2010.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.